



## **Truman Capote e os elementos de romanceação na reportagem**

Angelita LIMA<sup>i</sup>

Luana BORGES<sup>ii</sup>

(Universidade Federal de Goiás / UFG)

### **INTRODUÇÃO**

Em *A sangue frio*, romance-reportagem de Truman Capote, publicado pela primeira vez no ano de 1965, o autor investiga o assassinato de uma família estadunidense no pacato município de Holcomb, no estado do Kansas, no final da década de 1950. Capote leva os seus leitores à perdição dos protagonistas Perry e Dick; eles eram frios assassinos, mataram banalmente quatro pessoas, seres que nada tinham feito contra eles, que apenas viviam com as lidas diárias em galpões de fazenda, na cozinha da casa.

Todavia, em vez de partir para um julgamento apriorístico da crueldade desses personagens – de fato condenados, pela justiça americana, à pena capital –, o repórter-escritor mostra-nos como os assassinos eram vívidos de gozo e sensibilidade, tinham sonhos de liberdade, tão errantes e humanamente incertos como os seus leitores, estes que nunca haviam matado e que condenavam o morticínio.

Quando foram confrontados à força, Perry e Dick representavam a vida em sua complexidade; existências que envolviam não só o “bom”, a “empatia”, o “moralmente aceitável”, mas também a vontade de violência, a autodestruição, o desejo de provar a ruína daquele que, sim, sabe que irá morrer. Encenando a insustentabilidade dos maniqueísmos, Capote levou-nos às reflexões aqui expressas, que visam perceber como o livro se constitui romanescamente para além da narrativa do jornalismo policial.

### **ZONAS ROMANESCAS**



A reportagem é construída de tal forma que o autor mergulha na rotina pacata de Holcomb, de forma a humanizar, via *apuração* e *estratégia romanesca*, aqueles que viveriam a violência. O primeiro capítulo é temporalmente situado no *exato* último dia de vida da família Clutter. Essa escolha não é nada gratuita, uma vez que a morte confere autoridade ao agonizante, àquele que dela se aproxima, mesmo a um pobre-diabo (BENJAMIN, 1973).

O jornalista-escritor joga com isso. A instância narrativa, ao partilhar com os leitores a onisciência acerca do assassinato das quatro actantes, faz com que “repintemos” a normalidade daquele dia – apenas mais um às personagens em questão – com as tintas, nas palavras benjaminianas (1973, p.207-208), do “inesquecível”, mesmo definitivo, “que aflora de repente nos gestos e olhares” daquele que em breve irá morrer.

Percebam o simbolismo solene, diante da ideia de que se vive a *derradeira vida*, existente no trecho abaixo, no qual aparece a senhora Clutter, também chamada de Bonnie. Ela era a matriarca, uma mulher bondosa e depressiva em sua rica propriedade rural, pouco antes do morticínio que a levou à ruína:

Agora, no último dia de sua vida, a sra. Clutter pendurou no armário o vestido caseiro de chita que vinha usando, pôs uma de suas camisolas compridas e um par de meias brancas limpas. Depois, antes de se deitar, trocou seus óculos comuns por um par de óculos de leitura. Embora assinasse vários periódicos (*Ladies' Home Journal*, *McCall's*, *Reader's Digest* e a *Together*, revista quinzenal para famílias metodistas), nenhum deles se encontrava em sua mesa de cabeceira – só uma Bíblia. Havia um marcador entre suas páginas, um pedaço endurecido de seda desbotada em que fora bordada uma advertência: **“Prestai atenção, observai e rezai: pois não sabeis quando chega a hora”**. (CAPOTE, 2003, *kindle*-posições 581-585-590-594-599-604)

Ora, sabe-se que na esfera jornalística muitos detrataram a obra de Truman Capote, ao afirmarem que o repórter teria escapado ao rigor da apuração e *exagerado* realidades. No entanto, basta uma análise cuidadosa da composição do excerto para se observar que o que faz o repórter-escritor, tal como um excelente ficcionista (talvez daí decorra a confusão), é habilmente mergulhar, via jornalismo literário, na sintaxe do romance para acionar as “zonas indeterminadas” (ROSENFELD,1974) à decifração do leitor.



São descritos: os hábitos comuns à senhora Clutter (publicações de que gostava, leitura antes do sono, uso de dois pares de óculos); a disposição dos objetos no quarto (o vestido; a Bíblia; o marcador de páginas). A tudo isso o repórter teve acesso durante a apuração – era este, afinal, o quadro cênico inferido dos autos processuais; eram estes, afinal, os costumes de Bonnie, inferidos a partir de uma sucessão de entrevistas.

No entanto, tal esquema selecionado pelo repórter faz com que o *leitor*, induzido pelo narrador, dê movimento à cena. As frases, se observadas isoladamente, são “naturalmente descontínuas como os fotogramas de uma fita de cinema” (ROSENFELD, 1974, p.17). Vejamos:

1. Em um primeiro momento, o narrador menciona: “Depois, antes de se deitar, trocou seus óculos comuns por um par de óculos de leitura”.
2. Em seguida, em descontinuidade, há o período: “Embora assinasse vários periódicos [...], nenhum deles se encontrava em sua mesa de cabeceira – só uma Bíblia”.
3. À base dessas orações, como ensina Rosenfeld (1974), é o leitor quem vai dispor Bonnie sobre uma cama limpa, não mencionada na narrativa, fazendo-a se deitar e se dedicar ao livro sagrado com seus óculos de leitura... Enquanto o lê, sem sequer imaginar o seu fim, ela toca leve e distraidamente o marcador de página que carrega aquelas palavras proféticas, douradas pelo simbolismo da pré-morte.
4. Absolutamente *nada disso* é explicitamente mencionado pelo narrador. Este tom fatalista e essa ilusão de continuidade do mundo objectual ali constituído – propriamente a *ação* da personagem inferida por leitores (cri)ativos – advêm da perspicácia da instância narrativa ao trabalhar romanescamente com os elementos espaciais. Assim, à maneira do romance, o espaço é ativo na trama.



A aflição agônica também pode ser pressentida, via detalhes espaciais, no trecho de Nancy, a filha, uma adolescente estudiosa que será a outra vítima feminina de Perry e Dick:

Naquela noite, depois de secar e escovar os cabelos, prendendo-os com um lenço vaporoso, [Nancy] deixou separadas as roupas que pretendia usar na manhã seguinte para ir à igreja: meias de náilon, sapatos pretos sem salto, um vestido vermelho de veludo – o mais bonito que tinha, que ela mesma fizera. Seria o vestido com que a enterrariam. Antes de fazer suas preces, sempre registrava num diário algumas ocorrências (“**É verão. Espero que para sempre.** Sue veio aqui e montamos em Babe para ir até o rio. Sue tocou flauta. Vaga-lumes”) e um desabafo ocasional (“É que eu amo ele sim”). Era um diário com espaço para cinco anos; nos quatro anos desde que o ganhara ela jamais deixara de escrever uma entrada, embora o esplendor de vários acontecimentos (o casamento de Eveanna, o nascimento de seu sobrinho) e a dramaticidade de outros (sua “primeira briga de verdade com Bobby” – uma página literalmente manchada de lágrimas) a tenham feito usurpar parte do espaço reservado para o futuro (CAPOTE, 2003, posição 1060-1064-1069).

Diante de um futuro bruscamente interrompido, restará apenas o episódico da juventude com suas primeiras tristezas e felicidades que, emblematicamente, preenchem as páginas seguintes – e assim o “hoje” de Nancy invade o que virá, mas o fazendo apenas virtualmente, pois concretamente, naquele diário que prometia um futuro, não haveria mais nenhuma entrada de vida. A morte eternizaria, enfim, o presente da menina: e no futuro – *amém para todos nós!* – existirá apenas o vivido, que invadiu as páginas em branco.

Percebam: uma vez que estamos cientes da morte iminente, enquanto os personagens *nada sabem*, tudo na trama traveste-se da aflição de nos sabermos efêmeros, mas, tal como aquela garota, ignorantes do fim. Assim, a romanceação aparece também na incomunicabilidade, na não transmissibilidade do “sentido da vida” (BENJAMIN, 1987), que é uma das características, conforme Benjamin (1987), da prosa romanesca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *A sangue frio*, como buscamos demonstrar a partir da análise de alguns pequenos trechos, a prosa romanesca é sabiamente aproveitada pelo autor: isso faz com



que a reportagem saia do tom moralista ou policialesco, constituindo-se como mergulho no despalavrado das personagens.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAPOTE, T. *A sangue frio* – relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ROSENFELD, A. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antônio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol (Orgs.). *A personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

---

<sup>i</sup> Professora de Jornalismo Literário na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Integrante do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos (PPGIDH/UFG). Graduada em Jornalismo (UFG), mestre em Educação Brasileira FE/UFG e doutora em Geografia IESA/UFG. Atualmente é reitora da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás. E-mail: angelita\_lima@ufg.br.

<sup>ii</sup> Professora substituta na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC/UFG). Graduada em Jornalismo (UFG), mestre em Estudos Literários(PPGLL/UFG) e doutora em Comunicação (PPGCom/UFG). Integrante do grupo de estudos Dona Alzira -espaço, sujeito e existência (IESA/UFG).Goiânia. Goiás. E-mail: luana.borges@ufg.br.